

A PSICOLOGIA ESCOLAR E A PREVENÇÃO AO BULLYING

DOS SANTOS.F.B.F¹, CORRAL, C.M.²

¹ Autor, Universidade da Região da Campanha (URCAMP) – Bagé – RS – Brasil

felartigas@hotmail.com

² Orientador, Universidade da Região da Campanha (URCAMP) – Bagé – RS – Brasil

claudiacorrals@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho, apresenta a importância de analisar-se os aspectos relevantes do fenômeno bullying, trabalhando com base no projeto desenvolvido na cidade de Rio de Janeiro, onde obteve-se resultados positivos. O mesmo teve como propósito problematizar a atuação do Psicólogo Escolar, para tal, foi desenvolvido um projeto anti-bullying com base no “Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes” proposto pela ABRAPIA (Associação Brasileira de Proteção a Infância e Adolescência). Visando abranger os conhecimentos teórico-práticos necessários para a intervenção na área. Investigou-se aspectos importantes do fenômeno bullying o qual é visto como um fenômeno sem rosto, sua prevenção e intervenção. Este programa visou diagnosticar e implementar ações efetivas para a redução do comportamento agressivo entre estudantes de 11 escolas localizadas no município de Bagé. Sendo assim, foi utilizado ferramentas de diversos tipos, tais como questionários e gráficos para expor os resultados obtidos. com objetivo de sensibilizar educadores, famílias e sociedade para a existência do problema e suas consequências, buscando despertá-los para o reconhecimento do direito de toda criança e adolescente a frequentar uma escola segura e solidária, capaz de gerar cidadãos conscientes do respeito à pessoa humana e às suas diferenças. A discussão acadêmica sobre a Psicologia Educacional e o papel do Psicólogo Escolar fomentou a curiosidade epistemológica na busca das alternativas para abordar o fenômeno bullying, visto que, através da discussão deste tema encontramos muitos elementos que servem de base para uma análise educacional mais ampla.

Palavras-chave: Bullying; Ant-ibullying; Psicólogo Escolar; Comportamento Agressivo.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo surge pela importância de analisar-se os aspectos relevantes do fenômeno bullying, trabalhando com base no projeto desenvolvido na cidade de Rio de Janeiro, onde obteve-se resultados positivos. A pesquisa teve como propósito problematizar a atuação da Psicologia Escolar, onde foi desenvolvido um projeto antibullying com base no “Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes” proposto pela ABRAPIA. Visando abranger os conhecimentos teórico-práticos necessários para a intervenção na área. Segundo Leão (2010) o bullying é um fenômeno mundial muito antigo, entretanto passou a ser investigação por graves acontecimentos escolares a partir de 1970.

Segundo LOURENÇO et al. (2009) no que concerne à escola, os seus profissionais, ou seja, todos os profissionais que ali desenvolvem funções, não designando exclusivamente aos professores na sala de aula devem estar

conscientes sobre essa forma de violência e devem ser capacitados para diagnosticar, intervir e preveni-la.

Segundo Corral (2012) o objetivo não é banir a agressividade e sim incentivar seu uso produtivo, já que ela não é necessariamente destrutiva como geralmente é vista, significa também, além de reação à frustração, fonte de energia do indivíduo, necessária para as conquistas subjetivas do sujeito, entre elas a aprendizagem. Mas para que a agressividade seja utilizada desta forma, é necessário intervenções que favoreçam um espaço de expressão e não medidas rigorosas, como disciplina excessiva, coerção e proibições descabidas.

2 METODOLOGIA (MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia utilizada desenvolveu-se através de uma pesquisa participante com uma abordagem quali-quantitativa de caráter descritivo-exploratório, que teve por finalidade investigar as ações de intervenção da Psicologia Escolar no “Projeto Anti-bullying” numa escola da rede pública de ensino, da cidade de Bagé-RS. Este projeto foi realizado com alunos convidados a participar dos encontros semanais (chamados pelos pesquisadores de “células”), os quais eram estudantes do 4º ao 8º ano. No caminho metodológico da pesquisa esta escola foi escolhida como foco de análise visto que a comunidade escolar ao ser informada através do Consentimento Livre e Esclarecido do objeto e dos objetivos da pesquisa apresentaram aceitação e acolhimento ao trabalho de pesquisa e ao projeto elaborado para a consecução do estágio. Os procedimentos para a realização da investigação se utilizaram de uma pesquisa prévia realizada na escola para averiguar a situação de bullying em estudo. Distribuiu-se um questionário contendo treze perguntas abertas e fechadas. Este questionário teve o intuito de diagnosticar o tipo de agressão; saber qual o conhecimento das crianças sobre o tema; os locais das agressões; quais às atitudes tomadas e compreender que relações elas fazem do tema bullying com o conceito de Direitos Humanos. Além disso, foram utilizados como instrumentos metodológicos, oficinas com grupos focais, que ocorreram em dez encontros com o seguinte planejamento: 1.Reconhecimento de bullying por imagens; 2.Conceito: apresentação dos resultados da pesquisa realizada na escola ; 3. Debate e discussão sobre o tema agressividade e sexualidade; 4.Escuta das experiências dos alunos; 5.Oficina de argila para expressar cenas de bullying; 6.Apresentação de filme sobre o tema bullying; 7. Discussão e debate sobre a abordagem e postura que requer adotar na prevenção e erradicação do bullying 8.Palestra: Educação em Direitos Humanos; 9. Conhecimento sobre as Redes de Assistência Pública Psicológica e Social da cidade, com seus respectivos endereços; 10. Apresentação do Projeto Sementinha que aborda a Educação em Direitos Humanos realizada com crianças de Educação Infantil; 11. Plano de Direitos Humanos da ONU – 10 a 14 anos, e o Plano de Direitos Humanos Brasileiro. De posse dos diários de campo, procedeu-se a análise e discussão dos resultados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram utilizados, para a análise dos dados coletados, os seguintes métodos: análise estatística para o questionário aplicado nos alunos de 4º a 8º ano; análise fenomenológica dos diários de campo e a análise da participação do gestor da instituição em estudo. A análise estatística dividiu a população em estudo por gênero:

3.1 Meninos:

71,9 % dos meninos alegam saber o que significa o termo bullying, sendo que 61,4% deles dizem não terem sido vítimas de bullying, porém, as vítimas afirmam que 17,5% sofrem violência física, sendo esta a maior incidência. 21% das crianças assumem que o local onde mais sofrem é nas aulas de educação física. 77,1% dos alunos dizem não haver praticado o bullying, sendo que 50,8% responderam não terem testemunhado atos de violência com os seus colegas. Quanto aos atos de bullying presenciados, 52,6% alegam não contar a ninguém (autoridades). Estas crianças conhecem o assunto “Direitos Humanos”, totalizando praticamente 47,3% deles, onde 63,1% dizem já haver estudado sobre o assunto na escola, por este motivo 54,3% dizem que o bullying é uma violação aos Direitos Humanos. Ao questionar sobre os órgãos públicos que recebem denúncias sobre bullying 70,1% não sabem quais são os órgãos públicos responsáveis pelas denúncias, porém 61,4% dizem saber as medidas que devem seguir em caso de bullying.

3.2 Meninas:

Segundo os dados colhidos, 81,3 % das meninas dizem saber o que significa o fenômeno bullying, sendo que 62,7% delas não foram vítimas deste fenômeno, porém, as meninas alegam sofrer mais violência física, considerando 13,9% das agressões que recebem, tendo maior incidência dentro da sala de aula, o qual é comprovado pelo 65,1% delas. Ao perguntar se já praticaram bullying 72% dizem não haver praticado o bullying e nem testemunhado atos agressivos (51,1%), ao presenciar atos de bullying 51,1% alegam não contar a ninguém (autoridades). Segundo elas, 48,8% sabem o que significa Direitos Humanos, pois 60,4% responderam já terem estudado sobre o assunto, sabendo que 95,3% delas acham o assunto muito importante, 58,1% acreditam que o bullying é uma violação aos Direitos Humanos. Sendo que 81,3% das meninas não sabem quais são os órgãos públicos responsáveis pelas denúncias de bullying, mas, assim mesmo, 67,4% delas sabem quais as medidas que devem seguir em caso de bullying.

3.3 A Análise das Oficinas Psicodramáticas

Para Vicente (2005) no psicodrama há sempre um aspecto relacional do aqui e agora, que se sobrepõe ao “como se” e que dá o caráter genuíno ao que é expresso. Enquanto na relação dual a transferência é unívoca, na relação grupal ela é vivida no diretor e nos diferentes elementos do grupo. Segundo Corral (2012) seria papel da escola, romper com o ciclo de violência quando tem origem familiar, como uma segunda possibilidade de formação desse sujeito? Afinal, não é porque a criança vive em um meio hostil e violento que está fadada a ser assim, violenta. O ser humano possui inúmeras capacidades, dentre elas: a de superação dos conflitos, desde que bem acolhido e estimulado por pessoas significativas, elas poderão surgir.”

Foi sugerida a composição de uma música que falasse sobre bullying e aqui surge a criatividade para escrever uma letra:

*É este um projeto que vai lhe ajudar
Existe uma professora que vai lhe ensinar
.... o problema do bullying
Merece solução
E para manter-se longe é preciso dizer NÃO!*

*O bullying é um programa,
O bullying tem solução.
Lutando contra o bullying,
Ensinando a dizer NÃO!
R, r, r, r, r, r, r, r.*

No grupo vespertino, foi realizada a escuta dos alunos, estes relatam sofrer bullying, *“eles me chamam de macaco pela minha cor, molham as folhas dos meus cadernos e livros, começo a chorar e riem de mim, meu irmão me defende, mas batem na cabeça dele então ameaço contar para meu pai e para a diretora, eles riem ainda mais e nos chamam de muitos palavrões, com o tempo meu irmão e eu começamos a ficar calados e não reclamamos mais, já sabemos que nada vai adiantar, tudo continua igual, professora: não suportamos mais esta situação”*.

Segundo Corral (2012) a vítima não expõe seu problema, ela sofre em silêncio por medo da represália, do ridículo e da vergonha. Com isto as consequências se agravam, pelo fato de não serem trabalhadas e as autoridades assim desconhecê-las. Quando assistiram ao filme: “BULLYING” eram 12 crianças, no começo do filme, mas com o tempo foram pedindo para sair e retiraram-se 10 crianças por espontânea vontade, segundo Volpi (2008), a negação dos fatos, sugere que identificaram-se com os autores das agressões, portanto, não conseguem aceitar na consciência um fato que perturbe o ego, estes tendem a fantasiar, que, na verdade tudo nunca aconteceu ou que não tem importância. Mas, ainda ficaram duas crianças (os gêmeos Marcelo e Márcio) que ao terminar o filme vieram até mim com os olhos cheios de lágrimas para relatar a identificação com o protagonista do filme: *“e isso aí o que fazem com a gente, eles sempre nos batem, nos colocam apelidos e ainda nos ameaçam. Não podemos contar para a diretora senão eles vão nos bater. Minha mãe já falou com a diretora, mas ela não resolveu nada, não queremos vir mais para esta escola, queremos ir para outra. Mas, isso é difícil, meu pai disse que não vai nos tirar desta escola. Então nós tentamos ignorar o que os colegas falam, rimos dos apelidos que eles nos colocam e demonstramos não importarmos com o que eles pensam de nós.”*

Neste encontro relataram que nossas oficinas do Projeto Anti-bullying estão causando efeitos na escola, *“agora os alunos tem mais cuidados na hora de colocar apelidos, bater ou falar mal de alguém, eles sentem que estão desrespeitando os direitos dos colegas e sabem que não devem fazer mal a ninguém”*, dizem também que o problema maior não está neles e sim nos professores que nunca fazem nada quando se apresenta uma situação de bullying: *“eu disse para a professora x que os colegas estavam falando mal da minha mãe e ela disse que eu deixasse de ser “fofoqueiro” e que fosse para minha classe copiar o conteúdo do quadro”*

Realizamos um trabalho expressivo, foi solicitado que modelassem com argila os atos agressivos que tivessem sofrido, cometido ou até mesmo testemunhado. *“eu nunca sofri nem agredi ninguém, muito menos testemunhei, o que posso fazer?”*

Muito além de ser um recurso terapêutico, a argila também tem diferentes representações culturais. A argila simboliza nossa mãe-terra que nutre, cura, protege e ampara cada ser, possui propriedades terapêuticas por natureza, é envolvida num misto de cientificidade e espiritualidade que interagem com o indivíduo promovendo um encontro no ato criativo. (OAKLANDER, 2008, p. 72.)

4 CONCLUSÃO

Através desta investigação que se propôs a verificar que tipo de intervenção a Psicologia Escolar pode realizar na escola que venha a prevenir e combater o fenômeno bullying, foi possível concluir que o trabalho expressivo, artístico e de oficinas com rodas de conversas, constitui-se numa ferramenta de enfrentamento da violência tanto na escola, como podendo auxiliar em mudanças na vida familiar dos alunos. Para tanto, necessita que os professores mostrem-se empáticos nas situações vulneráveis dos alunos e sejam parceiros na erradicação deste fenômeno. Com este trabalho observamos professores atentos aos problemas dos alunos, na descoberta das causas, e procurando saber se eles se originam na escola ou na família. Pelo apoio desta equipe docente foi possível concluir o Projeto Anti-bullying e avaliar sua atuação. Percebeu-se que o trabalho dos educadores é de extrema importância, integrado à equipe técnica. Suas intervenções podem auxiliar os alunos no desenvolvimento dos princípios da cidadania. Esta pesquisa participante permitiu que as atividades fossem apropriadas pela comunidade escolar (professores, alunos e funcionários) ao projeto, e tornou visível a eficácia do mesmo. Comprovamos a hipótese inicial de que um projeto desta natureza pode ser uma ferramenta de redução do comportamento agressivo dos alunos, tendo como norte a ação da psicologia escolar.

5 REFERÊNCIAS

- Abrapee – (2007) Associação Brasileira de Psicologia Escola e Educacional. Disponível em: < <http://www.abrapee.psc.br/>> acesso em 31mai. 2012
- ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência, 2002. Disponível em : < <http://naodapara-ficarcalado.blogspot.com/2011/04/pesquisa-da-abrapia-sobre--bullying.html> > acesso em 5 jun.2005.
- CORRAL, C - (2012) Bullying: Fenômeno sem Rosto - Evangraf. Porto Alegre - RS
- Leão, L. (2010) O FENÔMENO BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR - Revista LOURENÇO, PEREIRA, PAIVA & GEBARA - (2009) A GESTÃO EDUCACIONAL E O BULLYING: UM ESTUDO EM ESCOLAS PORTUGUESAS. Portugal - NO. 13, PP. 208-228 disponível em:
<http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/354/1/M11.pdf> - Acesso: 12/06/2012
- VICENTE, L. (2005) Psicodrama: Transferência e contra-transferência - Análise Psicológica 2 (XXIII): 79-83. Disponível em:<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v23n2/v23n2a01.pdf> Acesso: 15/05/2012
- Volpi, J. H. (2008) Mecanismo de defesas. Artigo do Curso de Especialização em Psicologia Corporal. Curitiba: Centro Reichiano.